

## Negacionismo e cientificismo em charges: *frames* em competição e metáforas situadas

*Denialism and scientism in cartoons: frames in competition and situated metaphors*

Naira de Almeida Velozo  
Sandra Bernardo

Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR – Curitiba – Paraná – Brasil

---

**Resumo:** Neste trabalho qualitativo, objetiva-se analisar, de forma indutiva e interpretativista, três charges que materializam (contra)discursos que abordam o papel da (anti)ciência no pensamento e nas ações humanas, a fim de descrever a estrutura e analisar o funcionamento de metáforas e *frames* no discurso *online*. Para tanto, adota-se como referencial teórico a Semântica de *Frames* (LAKOFF, 2006; FILLMORE, 2006), a Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 2002), a abordagem da metáfora monomodal pictórica e multimodal (FORCEVILLE, 2008, 2006) e os conceitos de metáfora situada e nicho metafórico (VEREZA, 2013, 2010, 2007). As charges foram coletadas pela ferramenta de busca *Google* Imagens em agosto de 2022 a partir da busca pela expressão “charge negacionismo”. Os resultados da análise indicam a possibilidade de aplicação dos conceitos de metáfora situada e nicho metafórico à análise do texto multimodal, relacionando-o às noções de metáfora pictórica e metáfora multimodal. Também foi possível revelar o funcionamento de *frames* em competição e de metáforas em diversos níveis *offline* e *online* inter-relacionados da construção de sentidos e, dessa forma, demonstrar o papel discursivo-argumentativo dos mapeamentos metafóricos deliberados acionados a partir das charges. Considera-se que a adoção conjunta de unidades de análise da Semântica de *Frames* e dos estudos da metáfora evidencia capacidade analítico-descritiva adequada e relevante às investigações acerca do uso e do funcionamento da metáfora no processamento discursivo-argumentativo, o que pode contribuir para os estudos da metáfora enquadrados na chamada segunda fase da virada cognitivo-discursiva.

**Palavras-chave:** Negacionismo. Cientificismo. Charge. Metáfora situada. *Frames* em competição.

**Abstract:** In this qualitative work, the objective is to analyze, in an inductive and interpretivist way, three cartoons that materialize (counter)discourses that address the role of (anti)science in human thought and actions, in order to describe the structure and analyze the functioning of metaphors and frames in online discourse. For this purpose, Frame Semantics (LAKOFF, 2006; FILLMORE, 2006), the Conceptual Metaphor Theory (LAKOFF; JOHNSON, 2002), the monomodal pictorial and multimodal metaphor approach (FORCEVILLE, 2008, 2006) and the concepts of situated metaphor and metaphorical niche (VEREZA, 2013, 2010, 2007) are adopted as a theoretical framework. The cartoons were collected by the Google Images search tool in August 2022 from the search for the expression “charge negacionismo”. The results of the analysis indicate the possibility of applying the concepts of situated metaphor and metaphorical niche to the analysis of the multimodal text, relating it to the notions of pictorial metaphor and multimodal metaphor. It was also possible to reveal the functioning of competing frames and metaphors at various interrelated offline and online levels of meaning construction and, in this way, demonstrate the discursive-argumentative role of deliberate metaphorical mappings triggered by the cartoons. It is considered that the joint adoption of Frame Semantics analysis units and metaphor studies evidences adequate and relevant analytical-descriptive capacity for investigations about the use and functioning of metaphor in discursive-argumentative processing, which can contribute to the metaphor studies framed in the so-called second phase of the cognitive-discursive turn.

**Keywords:** Denialism. Scientism. Cartoon. Situated metaphors. Frames in competition

## 1 Introdução

No dia 26 de fevereiro de 2020, anunciou-se o primeiro caso confirmado de COVID-19 no Brasil, na cidade de São Paulo. Nesse mesmo mês, iniciaram-se as primeiras ações de enfrentamento à pandemia da COVID-19 no Brasil, e, em meados de março de 2020, as medidas de isolamento social começaram a ser adotadas. Em diferentes momentos, o Governo Federal brasileiro e seu representante máximo, o presidente, posicionaram-se contra o *lockdown* e contra o uso de máscaras respiratórias, além de reprovar medidas de combate à pandemia adotadas pelos governos dos Estados e de comparar a doença a uma “gripezinha”. Nesse contexto, uma parte da população brasileira reivindicava de seus representantes políticos condições dignas para a manutenção das medidas sanitárias de proteção, como o isolamento social, e manifestava-se a favor do cumprimento dessas medidas nas redes sociais, por exemplo, com a veiculação da *hashtag* ‘#fiqueemcasa’, a mais utilizada no *Facebook* e no *Instagram* no ano de 2020, segundo pesquisa da *Socialbakers* (EXAME, 2020). A *hashtag* se tornou palavra de ordem de um movimento mundial de enfrentamento à pandemia. Por outro lado, outra parte da população manifestava posicionamento contrário ao cumprimento das medidas sanitárias, reiterando, por exemplo, que a pandemia era uma invenção comunista e conclamando a população a descumprir o isolamento ou distanciamento social.

Neste trabalho, o embate discursivo que se instalou nos ambientes públicos virtuais e reais durante o período mais severo da pandemia da COVID-19 é abordado a partir da análise de três charges coletadas por meio da plataforma de pesquisa *Google* Imagens em agosto de 2022 através da busca pela expressão “charges negacionismo”. Pretende-se descrever, a partir das análises, a estrutura e o funcionamento de *frames* em competição e metáforas no processo de significação dessas charges, que materializam (contra)discursos que abordam o papel da (anti)ciência no pensamento e nas ações humanas. Para tanto, adota-se como

referencial teórico a Semântica de *Frames* (LAKOFF, 2006; FILLMORE, 2006); a Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 2002) e alguns de seus desenvolvimentos mais recentes, a abordagem da metáfora monomodal e multimodal (FORCEVILLE, 2008, 2006) e os conceitos de metáfora situada e nicho metafórico (VEREZA, 2013, 2010, 2007).

Para cumprir com os objetivos do trabalho, na segunda seção, retomam-se, brevemente, categorias de análise que constituem o aporte teórico adotado; na terceira seção, apresentam-se aspectos teórico-metodológicos da pesquisa; na quarta seção, analisam-se as charges selecionadas; por fim, tecem-se as considerações finais.

## 2 Brevíssimo percurso dos estudos da metáfora e sua relação com o conceito de *frame*

Vereza (2013) apresenta um percurso dos estudos da metáfora a partir das fases conhecidas como “virada cognitiva” e “virada cognitivo-discursiva”, as quais enfocam propósitos investigativos diferentes. Na primeira, ocorre o deslocamento do *lôcus* da metáfora da linguagem para o pensamento; na segunda, subdividida em duas fases, nota-se, inicialmente, o enfoque na utilização de corpora autênticos e, posteriormente, uma alteração do foco de investigação para o estudo da metáfora no processo de significação do discurso “online”.

A virada cognitiva dos estudos da metáfora tem como marco inicial o trabalho de Lakoff e Johnson (2002), para os quais a metáfora “está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 45). Os autores defendem que a natureza da metáfora não é estritamente linguística, uma vez que postulam que o sistema conceptual humano é fundamentalmente metafórico. Dessa forma, estabelece-se uma distinção entre os conceitos de ‘metáfora conceptual’ e ‘expressão metafórica’. Enquanto o primeiro se relaciona a habilidades cognitivas gerais, como percepção, atenção, memória, categorização e habilidades linguísticas, o

segundo é compreendido como o gatilho verbal que possibilita a ativação da metáfora conceptual.

As metáforas são consideradas pelos autores relações estáveis e sistemáticas entre dois domínios conceptuais: o domínio-fonte, constituído de propriedades físicas e áreas relativamente concretas da experiência, e o domínio-alvo, que tende a ser mais abstrato. Os domínios conceptuais podem ser estruturados por *frames*, compreendidos como esquematizações de cenas da experiência. Fillmore (2006, p. 373, tradução nossa) define *frame* como um “sistema de conceitos relacionados, de tal forma que, para entender qualquer um deles, é necessário compreender toda a estrutura em que se enquadram”. Forceville (2006) ressalta que, para corroborar a ideia de que as metáforas não são, necessariamente, de natureza linguística, é preciso demonstrar suas manifestações não verbal e multimodal, por meio de sistemas de sinalização ou de signos denominados modos, os quais indicam, independentemente ou em combinação, alvos e fontes metafóricas. Grosso modo, Forceville (2006) define modo como um sistema de signos interpretável devido a um processo de percepção específico relacionado a um dos cinco sentidos. Dessa forma, o autor ressalta que os modos incluem sinais pictóricos, escritos ou falados, gestos, sons, música, cheiros, gostos, toque.

Com base na combinação ou não desses modos na ativação de metáforas, essas são classificadas em monomodais ou multimodais. Na primeira, domínio-alvo e domínio-fonte são, exclusiva ou predominantemente, constituídos por um único modo, como as metáforas pictóricas; enquanto, na segunda, alvo e fonte são representados, exclusiva ou predominantemente, em modos diferentes. Forceville (2006, 2008) ainda subdivide as metáforas monomodais pictóricas em quatro tipos, a saber: (i) metáfora monomodal pictórica do subtipo híbrido, caracterizada tanto por homoespacialidade quanto por não-compatibilidade. Nela, dois fenômenos são representados visualmente como ocupando o mesmo espaço de uma maneira fisicamente impossível. Assim, duas entidades distintas são mescladas fisicamente em uma única *gestalt*; (ii) metáfora

monomodal pictórica do subtipo contextual, que ocorre devido à inserção de um objeto em um contexto visual pouco provável; (iii) metáfora monomodal pictórica do subtipo símile, em que dois objetos são representados na íntegra de forma que sejam parecidos. As técnicas disponíveis para identificar essa semelhança são múltiplas: semelhança na forma, posição, cor, iluminação, função etc.; (iv) metáfora monomodal pictórica do subtipo integrada, em que um fenômeno é experimentado como objeto ou *gestalt* unificada e representado em sua totalidade de maneira tal que se assemelha a outro objeto ou *gestalt*, mesmo sem pistas contextuais.

Segundo Forceville (2006), a construção da identidade pode ocorrer por semelhança perceptual entre tamanho, cor, posição, postura, textura, materialidade, por exemplo; por preenchimento de um *slot* esquemático inesperadamente, ou seja, inserção de algo em contexto não natural ou convencional, desvios em relação a *gestalts* ou esquemas típicos; ou por sugestão simultânea, duas coisas sinalizadas em modos diferentes, por exemplo, “um beijo acompanhado por barulho de correntes, para indicar mapeamento metafórico de prisão”. (FORCEVILLE, 2006, p. 13, tradução nossa).

Os trabalhos de Forceville (2006, 2008), por privilegiarem a investigação de corpora autênticos, constituído, sobretudo, por textos do gênero propaganda, podem ser enquadrados na denominada primeira fase da virada cognitivo-discursiva, tendo em vista o interesse na descrição e classificação de metáforas monomodais e multimodais identificadas na linguagem em uso em diferentes modalidades. Com o avanço da reflexão acerca do papel e do funcionamento da metáfora no discurso *online*, estabeleceu-se a segunda fase da virada cognitivo-discursiva, em que este trabalho se insere, pela compreensão, em consonância com Vereza (2013, p. 5), de que, “mesmo com corpora autênticos, as pesquisas que seguem mais fielmente os princípios da TMC [Teoria da Metáfora Conceptual] não dariam conta do papel e do funcionamento da metáfora no discurso”, compreendido aqui como discurso “online”.

Em razão do direcionamento desta pesquisa para a dimensão discursiva da metáfora, faz-se necessário operar com unidades de análise que extrapolam a TMC, como os conceitos inter-relacionados de “nicho metafórico” (VEREZA, 2007; 2010) e de “metáfora situada” (VEREZA, 2013).

O conceito de nicho metafórico pode ser compreendido como uma rede metafórica tecida a partir de desdobramentos textuais de uma ou mais metáforas locais e episódicas em uma unidade semântico-discursiva no texto, por exemplo, um parágrafo, formando um todo coerente com propósito claramente argumentativo (VEREZA, 2010, p. 209-210). Vereza (2010, p. 210) argumenta que

as expressões metafóricas se sucedem, criando não apenas coerência, como também coesão entre os vários períodos entrelaçados. Nesse processo, podemos ter tanto uma metáfora textualmente específica de base, como articulações com metáforas conceituais de caráter mais universal. (VEREZA, 2010, p. 210)

O nicho metafórico, portanto, organiza tanto o texto quanto a própria argumentação (VEREZA, 2010, 210), por meio de mapeamentos metafóricos construídos discursiva e cognitivamente pelo autor.

A metáfora situada é de natureza local, episódica e deliberada, assim caracterizada por “estruturar cognitivamente textos específicos, principalmente nichos metafóricos encontrados nesses textos” (VEREZA, 2013, p. 6), embora não necessariamente seja linguisticamente explicitada no texto. Vereza (2013, p. 6) aponta que a metáfora situada “conduz, cognitiva e discursivamente, todo um desdobramento, ou mapeamento textual, online, episódico, construindo [...] um ponto de vista, de uma maneira deliberada.”, encontrando-se, dessa forma, na interface entre cognição e pragmática.

Para exemplificar como a metáfora situada opera no discurso e na argumentação, Vereza (2013, p. 7) analisa um texto que representa, em sua totalidade, um nicho metafórico que sustenta uma argumentação cuja tese central é a de que a mulher de meia idade deve ser valorizada, em razão dos benefícios da passagem do tempo. A partir da

metáfora situada *Mulher mais velha é queijo gorgonzola*, um mapeamento é textualmente desenvolvido com clara intenção valorativa, por meio de projeções episódicas ou locais entre os domínios mulher e queijo. Vereza ressalta que, embora episódica e deliberada, essa metáfora parece ser sustentada sociocognitivamente pela metáfora conceptual mulher é comida, muito produtiva no português brasileiro e na cultura brasileira, como apontam, por exemplo, o uso do verbo “comer” em sua acepção sexual e de adjetivos como “gostosa” e “filé”. Dessa forma, observa-se a relação entre *frames online* (mulher e queijo) e *off-line* (mulher e comida), metáforas situadas (*Mulher mais velha é queijo gorgonzola* e *Mulher é queijo*) e metáfora conceptual (mulher é comida) e entre o discurso *online* e o discurso como *frame profundo* ou ideologia.

Para Lakoff (2006), os *frames* profundos são as estruturas mais básicas que constituem uma cosmovisão moral ou uma filosofia política. Esse autor compreende *frame* como uma estrutura mental que possibilita ao ser humano a compreensão da realidade, facilitando as interações mais básicas com o mundo, uma vez que estrutura ideias e conceitos, molda a forma de raciocínio e interfere nas percepções e ações humanas, de modo, em parte, inconsciente. Lakoff (2006) classifica dos *frames* em três tipos: (i) superficiais, considerados “*slogans* cativantes”, capazes de manipular a inteligência dos interlocutores. Esses *frames* conceituais se constroem a partir de *frames* lexicais, ou seja, a partir do sentido comum associado às palavras, mas dependem criticamente de *frames* profundos; (ii) intermediários, compreendidos como *frames* de definição de questão, os quais caracterizam o problema, atribuem culpa e restringem soluções. Segundo o autor, o aspecto mais relevante desse tipo de *frame* é o bloqueio a importantes preocupações que estão fora do seu escopo; (iii) profundos, que definem o “bom senso” geral de um indivíduo, uma vez que estruturam princípios e conceitos fundamentais.

Neste trabalho, adotam-se como unidades de análise os conceitos de ‘metáfora conceptual’, ‘metáfora

situada', 'nicho metafórico' e 'frames superficiais, intermediários e profundos', uma vez que as análises a serem apresentadas enfocam o funcionamento cognitivo-discursivo da metáfora, a fim de apontar como instâncias mais locais e episódicas da cognição, como metáforas situadas e frames *online*, articulam-se a outras mais estáveis, como as metáforas conceptuais e frames *offline*.

### 3 Aspectos teórico-metodológicos

Neste artigo, analisam-se três charges que atualizam discursos negacionistas com base nos estudos da metáfora e na Semântica de *Frames*, a fim de descrever a estrutura e o funcionamento de metáforas situadas e frames em competição no processo de significação desses textos. Portanto, essa pesquisa é considerada (i) básica, quanto à sua natureza, pois propõe reflexões acerca do uso e do funcionamento da metáfora no discurso *online*, sem pretensão de aplicação prática; (ii) qualitativa, quanto à abordagem, já que se opta pela análise indutiva e interpretativista de charges, sem adoção de procedimentos estatísticos; (iii) bibliográfica quanto aos procedimentos de coleta e análise de dados, devido à relevância de categorias de análise do campo dos estudos da metáfora e da Semântica de *Frames* para o estudo e a coleta de dados a partir de fontes de pesquisa virtuais; e quanto aos seus objetivos, é considerada tanto (iv) descritiva, pois envolve coleta, observação, análise, classificação e interpretação sistemática dos dados a fim de revelar as estruturas cognitivas que subjazem a construção de sentidos dos textos analisados e o funcionamento dessas estruturas no discurso; quanto (v) exploratória, porque se trata de um trabalho preliminar, tendo em vista a experimentação de um novo enfoque para os estudos que compõem a segunda fase da virada cognitivo-discursiva com base na relação entre os conceitos de metáfora situada, metáfora conceptual e frames superficiais, intermediários e profundos;

O objetivo geral da pesquisa é identificar e descrever os frames e mapeamentos metafóricos que fundamentam a construção de sentidos ativados pelas charges e seu funcionamento no discurso. Para tanto,

as etapas do trabalho relacionam-se aos seguintes procedimentos de análise: (i) identificação de gatilhos verbais e imagéticos acionadores de metáforas; (ii) identificação dos frames<sup>1</sup> envolvidos no processamento metafórico; (iii) descrição dos mapeamentos metafóricos ativados a partir dos textos; (iv) análise do sentido emergente das charges e de seus propósitos argumentativos.

Ao atingir esses objetivos, espera-se (i) contribuir com as investigações teóricas acerca de metáforas pictóricas, multimodais e situadas; (ii) refletir sobre o funcionamento de frames em competição e metáforas situadas para a construção do sentido global da charge; (iii) revelar o papel discursivo-argumentativo dos mapeamentos metafóricos acionados a partir das charges; (iv) avaliar a capacidade analítico-descritiva da adoção conjunta de unidades de análise da Semântica de *Frames* e dos estudos da metáfora para a investigação do processamento do texto multimodal. Na próxima seção, apresenta-se a análise e a descrição das charges selecionadas.

### 4 Charges antinegacionistas: metáforas situadas e frames em competição

As três charges selecionadas para esta análise foram coletadas por meio da ferramenta de busca *Google* Imagens a partir da busca pela expressão "charge negacionismo", no mês de agosto de 2022, de forma livre quanto às datas e às fontes de pesquisa. A primeira, criada pelo chargista Zé Dassilva, foi intitulada "O primeiro negacionista" e publicada em 10 de julho 2020 no Caderno de Opinião do jornal *online* Diário Catarinense. A segunda, intitulada "Negacionismo", de J. Bosco, foi publicada em 12 março 2021 no jornal *online* O Liberal. A terceira, propagada sem a atribuição de um título, foi publicada pelo chargista Brum em sua página do *Twitter* em 30 de abril de 2020. Todas as charges,

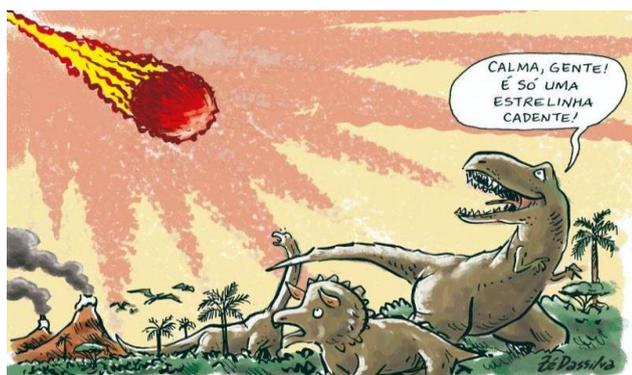
<sup>1</sup> Embora se utilize o termo 'domínio' para nomear o sistema de conhecimento compreendido como fonte e alvo metafóricos, neste trabalho, optou-se por adotar o termo 'frame', em razão da adoção conjunta de categorias de análise provenientes dos estudos da metáfora e da Semântica de *Frames*, ainda que, segundo Kövecses (2017), 'frame' possa ser compreendido como uma estrutura cognitiva mais específica e menos esquemática que 'domínio'. *Frame* é uma estrutura contida no domínio que ativa uma parte deste.

portanto, foram veiculadas em um período mais severo da pandemia da COVID-19 no Brasil, quando ainda não haviam sido adotadas medidas de flexibilização das normas sanitárias.

As duas primeiras charges retratam um cenário pré-histórico que anuncia a extinção dos dinossauros devido à aproximação do momento de colisão de um asteroide com o planeta Terra. Na primeira charge, o asteroide é comparado a uma estrela cadente, tendo em vista o enunciado “Calma, gente! É só uma estrelinha cadente!”. Na segunda, o asteroide é representado como o vírus SARS-CoV-2, devido à saliência perceptual das espículas, proteína que se acopla a células humanas e as abrem para que o vírus se aloje no organismo. A terceira charge atualiza discursos negacionistas proferidos inclusive pelo presidente da República durante a fase mais severa da pandemia da COVID-19: “Tá cheio de hospitais vazios...”, “Invenção comunista”, “Vem pra rua...”. O cenário desse último texto é um teatro de fantoches, em que um dos personagens, o manifestante, é o boneco controlado pelo coronavírus, personificado na cena.

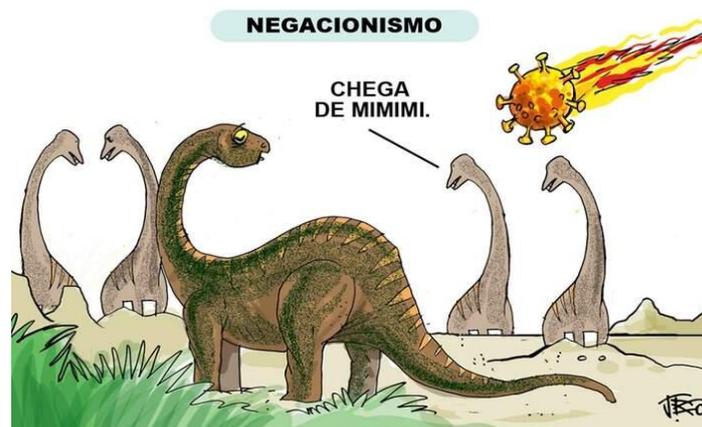
Nas Figuras 1 e 2, apresentam-se as duas primeiras charges, que, em razão de possuírem os mesmos *frames* estruturantes, serão analisadas em conjunto.

**Figura 1 – O primeiro negacionista**



Fonte: Diário Catarinense

**Figura 2 – Negacionismo**



Fonte: O Liberal

Ambas as charges são estruturadas pelos *frames* online extinção dos dinossauros e pandemia da covid-19. O *frame* extinção dos dinossauros é ativado pelas imagens dos dinossauros e do asteroide. O *frame* pandemia da covid-19 é acionado, na primeira charge, por meio da expressão “é só uma estrelinha cadente”, que parafraseia discursivamente o enunciado “é só uma gripezinha”, proferido pelo presidente Jair Bolsonaro com o propósito de minimizar os efeitos causados pelo coronavírus no organismo humano. Na segunda charge, o *frame* pandemia da covid-19 é ativado pela imagem da estrutura do coronavírus, representado como a parte esférica do asteroide.

O discurso negacionista se materializa na primeira charge por meio do enunciado “Calma, gente! É só uma estrelinha cadente!”. A expressão “só uma estrelinha cadente” é composta pelo advérbio focalizador “só” e por seu escopo “estrelinha cadente”, ao qual é atribuído o valor adverbial de exclusão. Dessa forma, “estrelinha cadente”, paráfrase discursiva de “gripezinha”, promove um reenquadre da cena de extinção que invalida qualquer ato de fala sobre ameaça de morte, uma vez que o discurso anula a existência do asteroide e do coronavírus, reenquadrando-os como “estrelinha cadente” e “gripezinha”.

Na segunda charge, o discurso negacionista se atualiza por meio do enunciado “Chega de mimimi.”. A expressão “mimimi” foi inicialmente descrita como uma onomatopeia que buscava reproduzir o som do choro, da ladainha ou da lamúria (PINTO, 2019). Contudo, no âmbito da pragmática,

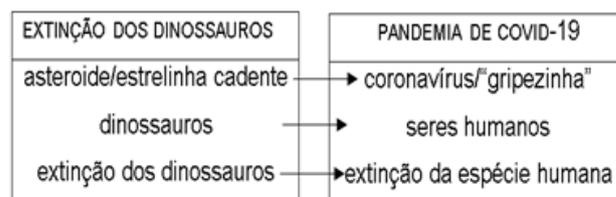
essa expressão passou a denominar práticas linguageiras com o objetivo central de “deslegitimar o ato de fala prévio ou potencial, buscando controlar o futuro enquadre de avaliação metapragmática ou projetá-lo como ilegítimo desde sua realização” (PINTO, 2019, p. 223). Segundo Pinto (2019), compreende-se por metapragmática a racionalização sobre o uso da linguagem inserida em um sistema local de interação e relacionada às formas metalinguísticas que permitem referenciar e predicar a própria tentativa de controle de interpretação de uma fala determinada em sua realização ou sua resposta. As práticas linguageiras metapragmáticas, portanto, são usadas para orientar o contexto de interpretação, alcançando a identificação de um contexto pressuposto ou projetando um contexto potencial. Dessa forma, para os negacionistas, o contexto pressuposto da segunda charge é de que o vírus é uma doença não letal ou uma farsa criada por interesses políticos. Enquanto, para a ciência, o contexto pressuposto é o sanitário, que constatou a existência de uma pandemia e a letalidade do vírus. Considerando ambas as charges, verifica-se que o advérbio “só” e o sufixo “-inha”, em “É só uma estrelinha cadente”; e a expressão “mimimi”, em “Chega de mimimi.”, operam no sentido de minimizar a gravidade da doença, de invalidar o discurso científico quanto à transmissibilidade e letalidade do coronavírus e de deslegitimar as medidas sanitárias de prevenção. No entanto, proferidos em um cenário de extinção dos dinossauros em que o coronavírus é metaforicamente compreendido como o asteroide causador da extinção, esses enunciados instauram uma disputa de enquadres que, em nível mais profundo, ocorre entre negacionismo e cientificismo.

A crítica ao negacionismo, nas duas charges, é possibilitada em razão do funcionamento discursivo-argumentativo das metáforas situadas *Asteroide é estrelinha cadente*, na primeira charge, e *Asteroide é coronavírus*, na segunda. A metáfora situada *Asteroide é estrelinha cadente* trata-se de uma metáfora multimodal, tendo em vista que o elemento projetado do domínio-fonte ‘Estrelinha cadente’ é acionado por gatilho verbal e o elemento mapeado no

domínio-alvo “asteroide” é acionado por um gatilho pictórico. Já a metáfora situada *Asteroide é coronavírus* trata-se de uma metáfora monomodal pictórica do subtipo híbrido, uma vez que o coronavírus e o asteroide são mesclados visualmente, criando-se uma entidade única, ainda que o reconhecimento de duas entidades por meio das pistas contextuais imagéticas seja possível.

As metáforas deliberadas *Asteroide é estrelinha cadente* e *Asteroide é coronavírus* parecem ser fundamentadas sociocognitivamente pela metáfora conceptual vírus é invasor, produtiva no português brasileiro, como ilustram as expressões metafóricas “organismo invasor”, “células de defesa”, “células matam o vírus” e, até mesmo, a analogia entre vírus biológico e vírus de computador. No caso das charges, o coronavírus é mapeado como o asteroide. O primeiro é o invasor do corpo humano e o segundo, o invasor do planeta Terra. A partir dessas metáforas são acionados desdobramentos textuais por meio de mapeamentos entre os *frames* extinção dos dinossauros e pandemia da covid-19, conforme se verifica no Quadro 1.

#### Quadro 1 – Mapeamentos entre os *frames* extinção dos dinossauros e pandemia da covid-19



Com base no Quadro 1, observa-se que a charge como um todo pode ser compreendida como um nicho metafórico, pois não só o coronavírus é metaforicamente conceptualizado como um asteroide, mas também os seres humanos são compreendidos como dinossauros e a extinção dessa espécie em razão da colisão de um asteroide de enorme proporção com o planeta Terra é projetada na extinção da espécie humana devido ao número de mortes por coronavírus motivadas por discursos e posturas negacionistas. Dessa forma, os mapeamentos metafóricos *Asteroide é estrelinha*

cadente (*Coronavírus é gripezinha*), *Dinossauros são seres humanos*, licenciado pela metáfora conceptual pessoa é animal, e *Extinção dos dinossauros é Extinção da espécie humana*, ao criarem uma narrativa com um desfecho extremo, a extinção da espécie humana, atuam discursivo-argumentativamente como uma crítica ao discurso negacionista e uma ratificação do discurso da ciência quanto à necessidade da adoção de medidas sanitárias.

Na Figura 3, apresenta-se a terceira charge selecionada para a análise.

**Figura 3 – Ventriloquismo**



Fonte: *Twitter*

A charge apresentada na Figura 3 retrata a cena de um teatro de fantoches dividida em dois planos de cima para baixo. O plano de fundo branco representa o palco em que o fantoche, um boneco de luva<sup>2</sup>, é apresentado à plateia; e o plano identificado pela tarja preta reproduz os bastidores de onde o ventríloquo manipula o fantoche. O boneco de luva pode ser compreendido como a representação de um manifestante político, tendo em vista seus gestos e o objeto que porta, um autofalante. O fantoche é apresentado como locutor dos enunciados “Tá cheio de hospitais vazios...”, “Invenção comunista...” e “Vem pra rua...”, atualizações de enunciados negacionistas que se contrapõem ao discurso da ciência acerca das medidas de prevenção ao coronavírus,

<sup>2</sup> Boneco que o manipulador calça na mão em um teatro de fantoches, o qual geralmente possui corpo de tecido. Normalmente, a cabeça do boneco é movimentada pelo indicador do manipulador e os braços são manipulados pelos dedos polegar e médio. Outra variação de manipulação de luva é aquela em que o manipulador articula a boca do boneco.

materializados, por exemplo, pela hashtag “Fique em casa!”. No entanto, a charge atribui responsabilidade enunciativa ao próprio coronavírus, representado como o manipulador do fantoche.

A personificação do coronavírus nesse texto multimodal só é possível em razão da ativação da metáfora monomodal pictórica do subtipo contextual *Coronavírus é ventríloquo*, que parece ser fundamentada na metáfora conceptual vírus é pessoa. *Coronavírus é ventríloquo* trata-se de uma metáfora pictórica contextual em razão do posicionamento do coronavírus, no lugar de um ser humano, e de sua inserção em um *frame* inesperado, um teatro de fantoches. A personificação deliberada do vírus ainda é reforçada pela saliência perceptual do que seria a articulação do cotovelo do personagem, a fim de que o leitor identifique uma parte da estrutura do vírus como o braço que calça o boneco de luva. Essa metáfora ativa outros mapeamentos, conforme o Quadro 2.

**Quadro 2 – Mapeamentos entre os frames ventriloquismo e comício**

VENTRILQUISMO	COMÍCIO
ventríloquo	coronavírus
fantoche	manifestante
palco de teatro	palco a céu aberto
plateia	reunião pública

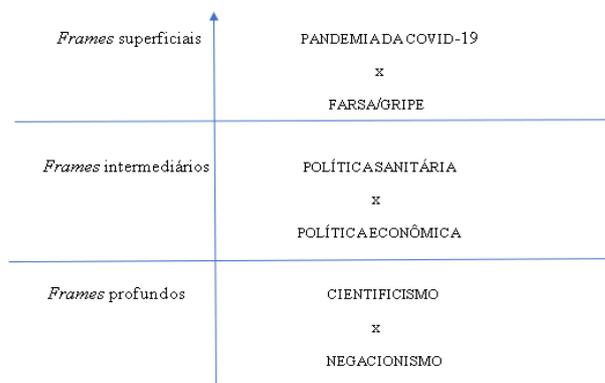
A charge apresentada na Figura 3 também se constitui como um nicho metafórico, tendo em vista que, conforme apresentado no Quadro 2, a metáfora situada *Coronavírus é ventríloquo* permite a ativação de desdobramentos textuais como *Manifestante político é fantoche*, *Palco de teatro é palco a céu aberto* e *Plateia é reunião pública*. Na charge, o enquadre do comício como um teatro de fantoches cria a narrativa de que o membro do povo que protesta contra o discurso da ciência é um fantoche a serviço do próprio coronavírus, da própria doença. Assim, as metáforas situadas atuam discursivo-argumentativamente como uma crítica ao discurso negacionista.

Para a construção do sentido crítico, as três charges acionam *frames* postos em competição. Os *frames* superficiais em embate são pandemia da covid-19 e teatro/farsa/gripezinha. Segunda Lakoff (2006), os *frames* superficiais funcionam, no discurso, como *slogans* cativantes, construídos por *frames* lexicais, capazes de manipular o receptor da mensagem. Nas charges analisadas, os *frames* conceituais superficiais são farsa e gripe, acionados a partir de *frames* lexicais como estrelinha cadente/gripezinha, mimimi e invenção comunista. Esses *frames* superficiais operam em competição com o *frame* pandemia da covid-19 para a construção do sentido global da charge, a crítica contra o negacionismo.

Os *frames* superficiais ativados pela charge acionam os *frames* profundos cientificismo e negacionismo, que estruturam cosmovisões morais, princípios e filosofias políticas distintos. Entre os *frames* superficiais e profundos, em profundidade intermediária, as charges são estruturadas por *frames* definidores de questão, ou *frames* intermediários, também em contraposição, quais sejam: política sanitária e política econômica. O primeiro envolve, por exemplo, o posicionamento de enfrentamento à COVID-19 e as medidas sanitárias adotadas pelos órgãos mundiais de saúde; o segundo, a postura anticientífica e ações que visam unicamente à manutenção ou à recuperação da economia. Esses *frames*, portanto, caracterizam o problema da pandemia de diferentes maneiras. Enquanto o *frame* política sanitária lança luz ao problema da pandemia, atribui culpa ao Governo Federal e à postura do presidente diante da propagação do coronavírus e restringe as soluções à adoção das medidas de prevenção recomendadas pela Organização Mundial de Saúde; o *frame* política econômica evidencia problemas econômicos vivenciados no período da pandemia, atribui culpa aos Governos dos estados que seguiram medidas de prevenção e limita a solução à quebra do isolamento social e ao retorno às atividades laborais com ou sem condições de prevenção.

Na Figura 4, apresenta-se uma esquematização dos níveis de *frames* em competição, dos mais profundos aos superficiais de baixo para cima.

**Figura 4 – Frames em competição**



Observa-se que as charges, embora apresentem cenários diferentes no nível dos espaços mentais<sup>3</sup> (extinção, pandemia, ventriloquismo, comício), são estruturadas pelos mesmos *frames* nos níveis superficiais, intermediários e profundos, os quais permitem o embate entre o discurso negacionista e o discurso científico, a fim de criticar a postura negacionista de parte da população brasileira inclusive do presidente da República.

## 5 Considerações finais

A adoção conjunta de unidades de análise da Semântica de *frames* e dos estudos da metáfora permitiu descrever as estruturas conceptuais e discursivas envolvidas no funcionamento discursivo-argumentativo das charges e analisar o papel de metáforas e *frames* nesse funcionamento, em níveis conscientes ou não do processamento cognitivo. Observou-se, com as análises, que, embora as charges se difiram no nível do processamento *online* por acionarem espaços

<sup>3</sup> Espaços mentais são domínios cognitivos que emergem e se dissipam durante o pensamento e a fala, por meio dos quais se processam informações de forma particionada (FAUCONNIER, 1997). São espaços que operam na memória de trabalho, construídos parcialmente pela ativação de estruturas da memória de longo prazo, como os *frames*.

mentais distintos, extinção dos dinossauros, pandemia da covid-19, ventriloquismo e comício, nas três charges analisadas, foram identificados os mesmos *frames* estruturantes em competição: (i) pandemia da covid-19 *versus* gripe /farsa, *frames* superficiais acionados a partir dos *frames* lexicais “é só uma estrelinha cadente (gripezinha)” e “invenção comunista”; (ii) política sanitária *versus* política econômica, *frames* intermediários concorrentes, uma vez que o primeiro realça aspectos relacionados à pandemia, como a morte, e o segundo os esconde; e (iii) cientificismo *versus* negacionismo, *frames* profundos que revelam os discursos em embate nas charges.

Nas duas primeiras charges, foram identificadas a metáfora multimodal *Asteroide é estrelinha cadente* e a metáfora monomodal pictórica do subtipo híbrido *Asteroide é coronavírus*, que parecem sustentadas pela metáfora conceptual vírus é invasor. A partir dessas metáforas, verificaram-se os mapeamentos *Dinossauros são seres humanos* e *Extinção dos dinossauros é extinção da espécie humana*. Na terceira charge, a metáfora monomodal pictórica do subtipo contextual *Coronavírus é ventríloquo*, que parece licenciada pela metáfora conceptual vírus é pessoa, possibilitou os desdobramentos textuais *Manifestante político é fantoche*, *Palco de teatro é palco a céu aberto* e *Plateia é reunião pública*.

Com esta pesquisa, verificou-se a possibilidade de aplicação dos conceitos de metáfora situada e nicho metafórico à análise do texto multimodal, relacionando-o às noções de metáfora pictórica e metáfora multimodal, o que pode contribuir com a agenda atual de pesquisa dos estudos da metáfora, a qual enfoca não somente a investigação acerca da relação entre metáfora e discurso, mas também a investigação acerca da relação metáfora e multimodalidade. Compreende-se, contudo, que esta é uma pesquisa exploratória, um primeiro exercício de análise, e que a relação entre os conceitos adotados e a sistematicidade de suas

aplicações podem ser desenvolvidas em pesquisas futuras.

Também foi possível revelar o funcionamento dos *frames* em competição e das metáforas em diversos níveis *off-line* e *online* da construção de sentidos e, dessa forma, demonstrar o papel discursivo-argumentativo dos mapeamentos metafóricos deliberados acionados a partir das charges. Destaca-se que, nas três charges analisadas, as metáforas situadas apontadas atuam na construção de narrativas impossíveis no nível da realidade a fim de colocar em embate os discursos negacionista e cientificista e criticar o primeiro. Considera-se, portanto, que a adoção conjunta de categorias de análise da Semântica de *Frames* e dos estudos da metáfora, embora necessite de mais detalhamento e sistematização, parece evidenciar capacidade analítico-descritiva adequada e relevante às investigações acerca do uso e do funcionamento da metáfora no processamento discursivo-argumentativo, o que pode contribuir para os estudos da metáfora enquadrados na chamada segunda fase da virada cognitivo-discursiva.

Quanto à colaboração para o estudo do gênero charge, é possível levantar as seguintes questões de pesquisas: as charges, como um todo coerente, constituem sempre nichos metafóricos? A rigor, as charges acionam um conflito de *frames*?

## Referências

BOSCO, J. ‘Negacionismo: chega de mimimi’. O Liberal, 2021. Disponível em: <<https://www.oliberal.com/charges/negacionismo-chega-de-mimimi-1.364247>>. Acesso em: 4 set. 2022.

CHARGE da Tribuna do Norte. *Twitter*, 2020. Disponível em: <<https://twitter.com/Brummmmm/status/1255818476226326528>>. Acesso em: 4 set. 2022.

DASSILVA, Z. Charge do Zé Dassilva: o primeiro negacionista. Diário Catarinense, 2020. Disponível em: <<https://www.nsctotal.com.br/noticias/charge-do-ze-dassilva-o-primeiro-negacionista>>. Acesso em: 4 set. 2022.

FAUCONNIER, G. *Mappings in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

FILLMORE, C. Frame Semantics. In: GEERAERTS, D. (ed.). *Cognitive linguistics: basic readings*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2006. p. 373-400.

FORCEVILLE, C. Metaphor in pictures and multimodal representations. In: RAYMOND, G. (ed.). *The Cambridge handbook of metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 462-482.

\_\_\_\_\_. Non-verbal and multimodal metaphor in a cognitivist framework: agendas for research. In: KRISTIANSEN, Gitte; ACHARD, Michel; DIRVEN, René; IBÁÑEZ, Francisco Ruiz de Mendoza (eds.). *Cognitive linguistics: current applications and future perspectives*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2006. p. 379-402.

KÖVECSES, Z. Levels of metaphor. *Cognitive Linguistics*. v. 28(2), p. 321–347, 2017.

LAKOFF, G. *Thinking Points: communicating our american values and vision*. California: Rockridge Institute, University of California, 2006.

\_\_\_\_\_; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Tradução por Vera Maluf. Mercado de Letras: São Paulo: EDUC, 2002[1980].

PINTO, J. P. É só mimimi? Disputas metapragmáticas em espaços públicos online. *Interdisciplinar*, São Cristóvão, v. 31, p. 221-236, jan.-jun. 2019.

VEREZA, S. C. Metáfora e argumentação: uma abordagem cognitivo-discursiva. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 7, n. 3. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, 2007. p. 487-506.

\_\_\_\_\_. O lócus da metáfora: linguagem, pensamento e discurso. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Letras e cognição*, nº 41. Rio de Janeiro: Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, 2010. p. 199-212.

\_\_\_\_\_. “Metáfora é que nem...”: cognição e discurso na metáfora situada. *Signo*, v. 38, n. 65. Santa Cruz do Sul: Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul, 2013. p. 2-21.

VITORIO, T. #covid-19 ou #carnaval? As hashtags mais usadas pelos brasileiros em 2020. Exame, 2020. Disponível em: <<https://exame.com/tecnologia/covid19-ou-carnaval-as-hashtags-mais-usadas-pelos-brasileiros-em-2020/>>. Acesso em: 27 ago. 2022.